



Universidade Federal do Rio Grande
Instituto de Ciências Humanas e da Informação
Curso de Biblioteconomia
NÁTALI RODRIGUES DO AMARAL

**O CONTADOR DE HISTÓRIAS NA ATIVIDADE A HORA DO CONTO: relatos de
experiências por bibliotecários e contadora da cidade do Rio Grande-RS**

Rio Grande – RS

2014

NÁTALI RODRIGUES DO AMARAL

O CONTADOR DE HISTÓRIAS NA ATIVIDADE A HORA DO CONTO: relatos de experiências por bibliotecários e contadora da cidade do Rio Grande-RS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva

Rio Grande

2014

NÁTALI RODRIGUES DO AMARAL

O CONTADOR DE HISTÓRIAS NA ATIVIDADE A HORA DO CONTO: relatos de experiências por bibliotecários e contadora da cidade do rio grande-rs

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

Rio Grande, 10 de Fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Claudio Renato Moraes da Silva
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Profª. Drª. Renata Braz Gonçalves
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Profª. Esp. Simone Sola Bobadilho
Universidade Federal do Rio Grande - FUR

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, primeiramente a Deus, por ter me dado força para eu chegar até aqui. Muito obrigada ao meu orientador Prof. Claudio Renato da Silva, que esteve disposto, incentivando e auxiliando este trabalho.

As contribuições das professoras, Gisele Dziekaniak e Renata Braz, membros da banca avaliadora, foram imprescindíveis para tornar possível que este trabalho fosse fruto de uma qualificação segura rumo à defesa da monografia.

A minha grande companheira nesses quatro anos de faculdade, minha mana Bárbara Rodrigues, que acreditou em mim e ao meu marido Marcelo Amaral que sempre esteve ao meu lado me auxiliando e compartilhando das minhas ansiedades e incertezas.

Um grande obrigado aos meus queridos pais, que de uma forma ou outra, nunca deixaram que nada me faltasse e o seu apoio fundamental nesta nova etapa.

RESUMO

A principal questão a ser respondida neste trabalho é saber como é feita contação de histórias por uma contadora e pelos bibliotecários da Secretaria Municipal de Educação (SMED), também entender o que está envolvido nesta prática. Como objetivos específicos, a pesquisa busca compreender as mudanças desde as primeiras contações feitas até o presente momento. Além disso, relatos de sentimentos dos contadores de histórias em relação à prática de contar histórias. A pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter descritivo. O trabalho relata: as experiências dos contadores, discutindo os métodos utilizados na hora do conto, o perfil das crianças, momentos marcantes e desafios. Para tal, se desenvolveu através do método de história oral, que conta em detalhes os relatos coletados. As seis entrevistas ocorreram baseadas em duas perguntas que foram suficientes para atingir os objetivos propostos. Com o objetivo de incentivar a leitura, a contação de histórias está envolvida com diferentes formas de animação, fantasias e sons. A prática envolve que as entrevistadas estejam atentas a todas as necessidades da criança, para dar bons resultados futuros. As mudanças da primeira contação até o momento foram bem significativas, muitas relataram antes não saber o que estava envolvido na hora do conto. As entrevistadas demonstraram sentimentos de realização e afeição em executar a atividade.

Palavras - Chave: Hora do conto. Contadores de histórias. Incentivo a leitura. Biblioteconomia. Rio Grande.

ABSTRACT

La principal cuestión a ser respondida en este trabajo está en el hecho de saber cómo es realizado el acto de contar historias por una narradora y por los bibliotecarios de la Secretaria Municipal de Educação (SMED), también entender lo que está involucrado en esta práctica. Como objetivos específicos, la pesquisa hace una búsqueda de investigación para saber los cambios desde las primeras formas de contar historias hasta el momento presente. Además, relatos de sentimientos de los narradores de historias en relación a la práctica de leer historias para niños y niñas. La investigación es de naturaleza cualitativa asumiendo también un perfil descriptivo. El trabajo relata: las experiencias de los narradores, discutiendo los métodos utilizados en la hora del cuento, el perfil de los oyentes, puntos altos y desafíos. La pesquisa se desarrolló a través del método de historia oral, que cuenta detalladamente los relatos recogidos. Las seis entrevistas ocurrieron fundamentadas en dos preguntas que fueran suficientes para atingir los objetivos planteados. Con el objetivo de incentivar a la lectura, la narrativa de historias está involucrada con diferentes formas de animación, fantasías y sonidos. La práctica se desarrolla por el comprometimiento de las entrevistadas observar a todas las necesidades de los niños y niñas, para que logren éxitos en el futuro. Los cambios que ocurrieron entre la primera vez que empezaron a realizar la hora del cuento hasta el momento fueron muy significativas. Muchas entrevistadas relataron que, antes de empezar el proyecto, no tenían idea de lo que estaba involucrado en la hora del cuento. Las entrevistas manifestaron sentimientos de realización y afecto en realizar la actividad de lectura oral.

Palabras – clave: Hora del cuento. Narradores de historias. Incentivo a la lectura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 LEITURA NA ESCOLA	12
2.2 LITERATURA INFANTIL	14
2.3 HORA DO CONTO	16
2.4 CONTAR HISTÓRIAS	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
4 ANÁLISE DOS DADOS	26
4.1 MÉTODOS UTILIZADOS NA HORA DO CONTO	26
4.2 SENTIMENTOS ENVOLVIDOS NO CONTADOR ATRAVÉS DA ATIVIDADE	28
4.3 PERFIL DAS CRIANÇAS	30
4.4 MUDANÇAS NA CONTAÇÃO	32
4.5 MOMENTOS MARCANTES	33
4.6 DEFASIOS COMO CONTADORAS DE HISTÓRIAS	34
4.7 OUTROS COMENTÁRIOS PERTINENTES	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma prática bastante antiga, desde há muito tempo o ser humano tem a necessidade da comunicação oral através da história contada.

Desde sempre, o homem contou histórias, deu vazão a sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas por seus ancestrais, as dúvidas, alegrias, angústias e prazeres de sua existência. (FLECK, 2007, p. 219).

Difícilmente, alguém nunca ouviu a frase: era uma vez. Essas palavras, possivelmente tenham sido usadas por um avô ou familiar que contou uma lenda, história de um livro ou uma história inventada. O contar histórias poderia vir de uma professora ou bibliotecária da escola em uma hora do conto lá nos primeiros anos escolares, “provavelmente” nunca foi esquecida.

Para Torres e Tettamanzy (2008), o hábito de ouvir história ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são.

A hora do conto, dentre as atividades de ação cultural, proporciona ao aluno o incentivo à leitura, estimulando o desenvolvimento da imaginação e da concentração.

[...] ouvir contar histórias na infância é muito importante para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano. (MAINARDES, 2008, p. 5).

A atividade, não necessariamente, é feita por um bibliotecário, pode ser realizada por pessoas que tenham a afabilidade, paixão e disposição em contar histórias e saber interpretá-las.

O contador ou narrador de histórias, que se utiliza de artifícios como a fala, movimentos com o corpo e uso de fantasias para atrair a atenção da criança é o transmissor da atividade tendo como receptor o ouvinte da história. O narrador de histórias traz consigo memórias, experiências e vivências que devem ser exploradas. Ele é o autor de muitas experiências vivenciadas na narração de histórias, dessa forma, a presente pesquisa busca analisar.

Enquanto pesquisadora graduanda em biblioteconomia cursei disciplinas tais como: biblioteca escolar, oficina de leitura, bibliotecas públicas e ação cultural. Estas influenciaram significativamente na escolha da temática contação de histórias, como fonte de pesquisa. Através deste trabalho busca-se contextualizar a hora do conto, como esta pode ser realizada, e saber o que os contadores de histórias têm a dizer com respeito à prática, seus sentimentos, algumas de suas experiências mais marcantes, além disso foram considerados relatos pertinentes ao tema proposto.

A pesquisa realizou-se com o relato de cinco bibliotecárias, contadoras de histórias da Secretaria Municipal de Educação (SMED), e uma contadora com expressiva experiência em contar histórias.

A principal questão a ser respondida neste trabalho é saber como uma contação de história é elaborada e entender o que está envolvido nesta prática. Como objetivos específicos, a pesquisa busca saber as mudanças desde as primeiras contações feitas pelos contadores, até o presente momento. Também relatos de sentimentos do contador de histórias em relação à prática de narrar histórias.

Considera-se uma pesquisa inovadora, porque ainda são poucos estudos que buscam saber, as experiências de um contador de histórias, e o que essa atividade deixa de registros e interferências pessoais. Em uma pesquisa realizada, recuperou-se pouca produção relatando o contador de histórias e a atividade em questão. Avaliam-se temas que devem ser explorados, pesquisando a hora do conto o que está envolvido nesta atividade e outras questões relativas ao contador de história.

Na direção desse trabalho de conclusão do curso, o qual pretende-se tornar diferenciado pela profundidade e maior fundamentação da pesquisa de campo com o sujeito contador de histórias na atividade Hora do conto, pretende-se considerar minuciosamente a lacuna detectada através dos relatos. Ouvir e significar as interferências que a Hora do conto deixa nos contadores de histórias, muito além de reconhecer que esses sujeitos possuem ampla contribuição no fomento à leitura e são disseminadores de culturas, é o fundamento que justifica desenvolver essa pesquisa. Saber o que acontece com e naquele que conta histórias. Inquieta na pesquisadora a falta dessa fala que vai dizer: o que ficou em mim desde que comecei a fazer a Hora do conto, e levarei pra vida a fora. Esse contador é um

espectador de muita multiplicação de histórias de pessoas, e da própria vida. Experiências e sentimentos que poderão ser relatados nessa pesquisa contribuirão significativamente com a obtenção de registros e relatos desses profissionais, para posteriormente, vir a ser referencial para estudos.

O trabalho se divide em cinco partes. A primeira parte introduz o trabalho trazendo seus objetivos e justificativas, na segunda parte apresenta a revisão de literatura, a terceira parte descreve os métodos utilizados. A quarta parte trás os resultados obtidos com a pesquisa e a quinta e ultima sessão demonstra a conclusão da pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 LEITURA NA ESCOLA

O ato de ler é reconhecido por muitos como algo indispensável para o desenvolvimento intelectual nas sociedades geocêntricas. Ler é fundamental desde os anos primários na escola. Sendo assim, as autoridades têm criado programas de distribuição de livros nas escolas, para que a leitura seja algo do cotidiano dos alunos. Conforme citado por Souza:

Atualmente, entre nós, existe uma espécie de valorização generalizada da prática de ler. Uma convicção disseminada de que a leitura é uma prática importante, que deve ser buscada e cultivada por todos. Há, também certa consciência de que muitos programas de distribuição de livros, assumidos por governos municipais, estaduais e pelo governo federal colocaram esse objeto nas escolas do país, pois sem o que ler não vinha sendo possível valorizar a leitura. (SOUZA, 2009, p. 51).

É relevante que os governos tenham a preocupação em estabelecer subsídios para que a criança e o adolescente venham a ter contato com o livro mas, é preciso proporcionar esse contato. O livro localizado na biblioteca ou até mesmo na sala de aula, talvez ainda esteja longe do aluno, necessita de mediadores para que a leitura seja despertada como atrativa para a criança. Isso demanda tempo, planejamento e dedicação.

De acordo com Freire (1989), o mediador que levará o universo da informação de um livro até o aluno pode ser um professor, bibliotecário ou outro profissional que esteja disposto a isso. Um exemplo, nesse sentido, baseia-se no que o autor cita no livro “A Importância do ato de ler”. Ali, o autor recorda momentos de sua infância que fizeram o seu “ato de ler”, lembrando um professor de língua portuguesa, que trazia textos que eram necessários uma percepção crítica. O autor lembra-se dessas memórias como sendo “momentos em que os textos se ofereciam a nossa inquieta procura”. É de suma importância, que a escola possua profissionais que tenham a incumbência de apresentar a leitura para o aluno, criando o desafio de conhecer o livro resultando em querer saber mais sobre o que aprende.

Outro aspecto relevante é o espaço físico onde a leitura ocorre na escola. Talvez, algumas escolas não tenham o cuidado para que as salas de aula e bibliotecas sejam espaços que proporcionem uma leitura mais agradável, pois ambientes que exijam excessiva disciplina, farão com que o aluno não se sinta confortável com a leitura.

Para Souza (2009), o espaço onde a leitura acontece não pode ser diferente da vivência do aluno externamente. Com tantas mudanças que o mundo vem apresentando, a sala de aula ou a biblioteca precisam ser espaços interativos e atrativos para o aluno. Essas áreas podem contar com a confecção de cortinas e de quadro mural, instalação de expositores de livros, colocação de caixas de som para toda sala, pôster, fotografias, com temas de linguagem escrita e leitura. A biblioteca e a sala de aula podem ser transformadas de muitas formas, assim, transmitirão uma comunicação do que queremos passar para o aluno.

As Diretrizes para bibliotecas escolares salientam que a biblioteca escolar deve dar atenção a muitos aspectos, dois deles descritos para a biblioteca adequada, são:

[...] ser esteticamente agradável, com orientação e sinalização claras e atrativas, de modo a proporcionar boa ambientação de lazer e aprendizagem para os usuários; flexibilidade para permitir multiplicidade de atividades [...] (IFLA ; UNESCO 2005, p. 8-9).

Segundo Costa (2009), a leitura na escola não deve ser “cartilhesca”, ou seja, com a função de colaborar com as atividades e exercícios da língua, que tem uma elaboração fracionada, com frases sem sentido, que não estimulam a imaginação da criança não sendo satisfatórias as suas necessidades. É comum professores de séries iniciais fazerem uso de textos de livros didáticos, que são criados para atender a um público padrão. Não consideram as necessidades individual, social e regional, resultando na padronização e exercícios, sem o uso de jogos e brincadeiras que deixam em segundo plano o estudo sistemático e científico. Assim, em vez do uso de textos muito didáticos, utiliza-se da chamada literatura-infantil, direcionada e utilizada para crianças. São textos com diversas imagens, alguns de pouca escrita e fácil compreensão, sendo essa leitura diferente da feita na biblioteca ou em práticas que envolvam livros infantis ou juvenis.

Desta forma, exige um cuidado especial das professoras, que devem projetar o material usado para leitura em sala de aula pensado para cada criança individualmente e não de modo ineficaz. Pensando no que realmente é significativo para a criança, convém a aplicação de textos com linguagem simples e com imagens que transmitem a comunicação com o que está escrito, ocasionando no estímulo do raciocínio e concentração.

2.2 LITERATURA INFANTIL

Toda classe de literatura teve um surgimento próprio com características que foram resultantes para sua criação. A literatura infantil teve suas raízes conforme descrito na citação abaixo:

A literatura surgiu, particularmente, com a tradição oral. Suas fontes estão no folclore, com suas lendas, mitos e narrativas exemplares. Mais tarde, a partir do século XIX, com a valorização social da criança, essas narrativas passaram a ser contadas para as crianças com intuito formativo. (COSTA, 2009, p. 113).

Conforme o citado acima, Costa descreve o surgimento da literatura enfatizado pelo folclore, lendas, mitos e narrativas. Essas narrativas posteriormente tem uma função de formação da criança.

A literatura infantil procurou na ficção um modo de mostrar sua herança cultural, que veio sendo agregada por gerações com o passar dos anos. No princípio os textos eram feitos com objetivos moralizadores da sociedade, não construídos especialmente para as necessidades das crianças, não diferente de nossos dias, eram educadas de acordo com o que os adultos determinavam. Nesta época que foram surgindo às primeiras fábulas com animais, exibindo qualidades e defeitos humanos. Surgindo as fábulas vêm textos que permanecem na cultura até os nossos dias, são fábulas de Esopo, suas histórias faziam uso de animais como raposas, corvos, cães, lobos e cordeiros fazendo o papel de humanos e com finalidade moral exposta (COSTA, 2009).

A literatura teve um começo pouco direcionado para a criança. Existiam interesses dos homens na moralização desde a infância. A criança não podia ter suas necessidades e anseios entendidos. Desde cedo já eram vistas como um

futuro adulto e que precisava ler textos de uso dos adultos. Atualmente, os adultos continuam a selecionar o que é prudente ou não para a leitura infantil, mas acredita-se que não apreendendo as mesmas intenções de antes, com textos que tinham intenções moralizadoras e não voltadas às necessidades de leitores iniciantes.

A sociedade de antes passou por muitas mudanças até chegar a nossos dias, em que a criança é vista como tal. Que necessita ter seu “mundo” de imaginação, seu espaço e sonhos estabelecidos. As histórias são diversas para o público infantil, com os mais variados personagens imagináveis, criados para estimular o pensar a curiosidade e suas emoções. As bibliotecas e livrarias criam seus espaços para “eles” o pequeno leitor infantil que também é bastante exigente em escolher o que quer ler. A criança possui a necessidade de estar em contato com o mundo imaginário, tem a capacidade de sonhar e entrar na história como se a vivenciasse. Como salientado pela autora Marta Costa:

As crianças apresentam muita facilidade em entrar nesse mundo mágico, pois seu modo de entender o mundo passa, na idade tenra, pela mistura da realidade e da ficção. Ou seja a criança está em um estágio de crescimento e vivencia de novas situação de desafio. Até os sete anos, as experiências estão muito mais no terreno do imaginário e do mágico do que no da razão. Por isso, muitos autores consideram a criança semelhante ao homem primitivo, com uma visão mágica da realidade. Muitas vezes, as crianças transportam o mundo da imaginação para o real, pois ainda não tem formada uma experiência concreta para aquela situação. A curiosidade e a observação vão aguçar suas vivencias. (COSTA, 2009, p. 160).

Com as fantasias nas histórias, é possível extrair da criança a imaginação do que está descrito e não escrito. Toda criança ao ouvir ou ler histórias vê além das letras. Quando o livro fala de um personagem com determinadas características que não estão ilustradas, a criança consegue imaginá-las e descrevê-las, pois tem a imaginação aguçada.

Atualmente a literatura infantil possui um caráter formador, mas menos específico e imediatista que as intenções dos antigos pedagogos. Uma das principais funções da literatura infantil é intensificar o otimismo na criança bem como provocar a educação da sensibilidade estética na criança. A criança passa a ter o sentido do mundo, percebendo o sensível, porque aprende o mundo através de suas sensações e de sua imaginação fértil, e não a partir dos conceitos e relações lógicas (RÖSING; BECKER, 2002).

2.3 HORA DO CONTO

Ouvir uma história não é definido por ser alfabetizado ou não, uma criança ou adulto que não sabe ler pode ouvir e interpretar a história através de um bom contador. Embora não alfabetizado, os primeiros contatos de uma criança com o texto pode vir do incentivo da família na busca incessante de apresentar histórias literárias, estas já estimulam o desejo das crianças em aprender a ler, e mais tarde lerem por si próprios.

Quando percorremos nossas memórias da infância na escola, poderão vir boas recordações ou não. Os bons momentos podem ter sido proporcionados por determinada história que poderia passar despercebida, mas, por causa de uma determinada professora ou bibliotecária, dedicada em estabelecer um bom encontro entre o aluno e a história, ela se tornou a favorita.

Com o uso de fantasias, entonação na voz, música e até brincadeiras proporcionou que a contação de histórias transformou-se em períodos aguardados pelas crianças. Algumas pessoas em nossos dias, não possuem essas memórias de infância, porque a hora do conto ou contação de história poderia transparecer uma atividade não relevante para o crescimento intelectual e a formação de leitores desde a infância.

Na época atual, muitas escolas veem a necessidade de atividades que produzam no aluno o lúdico, o imaginário e o mais considerável, o gosto e prazer na leitura desde a tenra idade. Souza reafirma isso dizendo:

A hora do conto pode ser parte das atividades da biblioteca escolar, reafirmando o espaço desta biblioteca como local propício a atividade literária, pois por ele circulam não só livros e conhecimento, como também pessoas. As atividades de contar e ouvir histórias estão voltadas à formação do leitor. (SOUZA, 2009, p. 22).

A hora do conto atingindo o papel de formar leitores agrega muito valor na escola e fora dela. Na escola, pode ser realizada na biblioteca já relacionando a atividade com os livros. O simples ouvir histórias pode resultar na formação de novos leitores, que mesmo bem jovens, já terão vontade de buscar o livro como

distração ou diversão. E talvez, sem querer a relação com o livro irá se estender por toda sua vida.

Uma simples história pode se tornar mágica, quando o contador usa meios para a mesma tornar-se especial de alguma forma. Isso inclui usar fantasias, figuras, entonação na voz, fantoches, avental para fixar os personagens entre outros artifícios usados.

Segundo Coelho (1989 *apud* SOUZA 2009, p. 27), a narrativa de maneira simples é a forma mais antiga e fascinante de contar histórias, porque o contador da história só necessita de expressão corporal e recurso de voz. É a história contada de memória, por isso permite gaguejar ao pronunciar o nome do personagem, ou retomar algum ponto da história que não foi bem compreendido pelo receptor. Mesmo sendo uma técnica simples, é preciso estudá-la pelo narrador antes da hora do conto. O simples fato de a história ser bem contada e retratada pode ser o suficiente para as crianças se encantarem pela história e pelo momento “hora do conto”.

Dias e Dutra (2008), concordam que os benefícios da hora do conto possivelmente não são percebidos explicitamente por alguns, mas existem muitos outros benefícios para a criança e também para idosos. A hora do conto proporciona muitos outros benefícios, como momentos de prazer, alegria, e de compartilhamento informacional, tornando as crianças mais críticas com a predisposição de enfrentar a sociedade e suas próprias dificuldades. A contação não só beneficia as crianças, mas pode ajudar muito pessoas idosas. A atividade estimula a função intelectual por dois motivos: o primeiro é por muitos idosos não possuírem níveis de alfabetização, o segundo diz respeito ao mal de Alzheimer, doença degenerativa que afeta a memória, o raciocínio e causa distúrbios comportamentais. Através da hora do conto, os idosos poderão exercitar o cérebro através da leitura, e serem incentivados a ler outras mídias.

2.4 CONTAR HISTÓRIAS

O contar histórias, possivelmente pode ser julgado como um atividade supérfluo para alguns. De modo que vivemos em uma sociedade não interessada

em parar e ouvir alguém contar uma história, com tantas inovações e mudanças nos campos tecnológicos podem estar dificultando, como a citação abaixo fala a “quietura interna” do ser humano. Com isso, muitos podem descartar a hipótese do ouvir o outro, por concluir que demanda tempo, é cansativo e desnecessário. Isso está de acordo com as palavras de Busatto:

Para a atual sociedade do consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo. É só observar a pouca paciência que se tem em ouvir o outro[...] Nesse tempo de produção, parece que não há disponibilidade e seriedade para ouvir histórias, apesar do crescente interesse que se tem observado pela narração oral. Esse estado de espírito, o ouvir, que pede quietura interna, qualidade seminal para audição plena, foi substituído pela pressa e pelo agastamento típico de quem já detém informações suficientes para o viver. (BUSATTO, 2011, p. 20).

Escutar o outro, em um mundo com informações bem definidas e explicadas simultaneamente, é quase que extinto. Quando acontece alguma tragédia as pessoas tem acesso às informações em suas próprias casas. As notícias já veem bem definidas e carregadas de efeitos e afetos, fazendo com que o ocorrido se torne um fato íntimo daquela família. As narrações atuais parecem-se com as de antigamente, quando as notícias igualmente eram espalhadas pelos povos por meio do contador de história. A diferença está em que, as notícias podiam fazer ou não sentido para quem as recebia (BUSSATO, 2011).

Com a evolução da civilização, a arte de contar histórias ganhou formatos e intenções diferentes. Formou-se o teatro dos rituais religiosos, ocupou as praças e edifícios ao com o passar dos anos. Narrar os fatos, sentimentos e pensamentos humanos resultando os recursos da encenação teatral.

Os contadores de história usam de meios como o corpo e a voz exclusivamente, convivem com arte mais elaborada. Transportam de si mesmo a sua arte para todos os espaços possíveis. Frequente em toda a sociedade, hoje, os contadores configuram uma crônica viva dos mais diferentes povos. Um exemplo da importância do contador de história está nas comunidades ágrafas que até convertem seus contadores em historiadores e sacerdotes porque eles conservam em suas narrativas os saberes do povo. Também, em comunidades detentoras da escrita, veem nos contadores a reanimação da história. É o contador de história visto

como mensageiros vivos de saberes, e muitas vezes desconhecidos (COSTA, 2009).

Conforme Sisto (2012), a voz, gestos são ferramentas muito usadas por bons contadores. A voz deve ser vista pelo contador como um prolongamento do corpo, sendo um membro a mais. Através da voz é possível tocar, tatear, abraçar, acariciar. Os gestos sendo um movimento do corpo se propagam como um movimento verdadeiro da alma. Para atingir a emoção no receptor o contador de histórias deve abandonar gestos comuns, corriqueiros e adotar gestos que sejam a nossa expressão pessoa daquilo que estamos falando. O olhar é como se fosse o cordão umbilical do contador que o liga a plateia, o contador deve sempre olhar para si e para os outros ao mesmo tempo. Não havendo isto, a contação de história não nasce.

Para alguns pode surgir a questão: Porque contar histórias? Para a consagrada contadora de histórias e pesquisadora Cléo Busatto, contar histórias é uma atitude multidisciplinar.

Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a história viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado. (BUSSATTO, 2003, p. 46).

Contar histórias está relacionado com diversas causas. Conforme a autora descreve o contador de histórias alcança não só apenas o plano prático, mas vai além, atingindo o nível do pensamento. A contação viabiliza ao ouvinte o “trabalho” do pensamento, através do imaginário é possível visualizar como os relatos descritos pelo contador aconteceram, não sendo necessário o uso da imagem, apenas o pensamento “viaja” e constitui todo o universo da história. Como são os personagens, suas características, os lugares por onde percorrem, os animais, cheiros, sabores e tudo o que a imaginação e a história permitir.

Outra questão respondida por Bussato (2003, p. 46) Para quem eu conto histórias? “Ela descreve que é para quem deseja ouvir, confirmando que ouvir

histórias vem junto com a disponibilidade em estar atento, se permitir ser levada pelo conto, experimentar”.

Na hora de contar histórias Sisto (2012), conforme Quadro1 mostra o que o contador precisa saber, elementos que deve explorar ou evitar:

Quadro 1 – Na hora de contar

Recomendável	Não recomendável
Olhar para a plateia	Fingir que olha para o chão, para o teto, por cima das cabeças.
Distribuir o olhar igualmente por toda a audiência	Se fixar num lado ou numa pessoa
Linguagem de acordo com a plateia	Infantilizar a linguagem; exagerar nos diminutivos.
Linguagem fluída	Vícios de linguagem: aí, né, então...
Não denunciar o erro: troca de palavras, troca de episódio e fatos, esquecimento de algo ou da sequência da história.	Expressar o erro pedindo desculpas, fazendo comentários acerca do erro, da troca ou falha de memória.
Visualizar a história enquanto narra: criar um roteiro visual e verbal, por episódio, na sequência da história.	“Cuspir o texto; falar mecanicamente; não servir o poder e a força das palavras”

Fonte: (SISTO, 2012, p. 131)

Como o quadro acima descreve pontos que muitos contadores devem reavaliar. Às vezes, existem profissionais que amam contar histórias, mas tem a dificuldade de manter o contato visual e acabam tentando disfarçar olhando para pontos na plateia. Embora, seja uma estratégia, isso poderá ser percebido pelas pessoas que necessitam do contato visual com o contador, assim como já foi dito, é como o cordão umbilical que liga o contador ao ouvinte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de caracterizar quais ações serão executadas, assim como serão feitas para alcançar os resultados almejados de acordo com os objetivos propostos, fez-se necessário a construção de uma metodologia. A pesquisa é de caráter qualitativo, ou seja, conforme Appolinário:

[...] o fato é que a pesquisa qualitativa não busca a generalização. Assim, a análise dos dados terá por objetivo simplesmente compreender um fenômeno em seu sentido mais intenso, em vez de produzir interferências que possam levar a constituição de leis gerais ou a extrapolação que permite fazer previsões válidas sobre a realidade futura. (APPOLINÁRIO, 2006, p.159).

Conforme o autor, a pesquisa qualitativa trabalha com dados mais intensos estuda compreender fenômenos, sendo esta proposta da atual pesquisa.

Como sujeitos de pesquisa, pensou-se em contadores de histórias na cidade do Rio Grande, que realizassem periodicamente a hora do conto. Nesta proposta, foi indicada pelo orientador da presente pesquisa, uma contadora com muita experiência em contar histórias. Embora não sendo bibliotecária, contribuiu em grande parcela para a pesquisa, pois para ela a contação de histórias era feita com grande afinco, sendo que até mesmo formulava as histórias que seriam contadas. Para complementar os sujeitos de pesquisa, estabelece-se um contato com a divisão de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação (SMEd), que providenciou o contado com as bibliotecárias que realizam a contação de histórias semanalmente. Destas, foram selecionadas cinco bibliotecárias como sujeitos de pesquisa, acredita-se que as mesmas foram suficientes para um significativo relato de como é realizada a contação de histórias.

De acordo com Appolinário (2006) as entrevistas são semiestruturadas, ou seja, há uma esquematização das mesmas, quando surgiram outras informações cedidas espontaneamente pelo entrevistado, foram considerados os relatos. A coleta de dados ocorreu pessoalmente e individualmente com cada profissional. Utilizaram-se apenas duas perguntas abertas que responderam aos objetivos da pesquisa. As perguntas abertas possibilitaram que o entrevistado pudessem responder livremente.

A finalidade da pesquisa é básica, sendo apenas ligada ao conhecimento científico sem objetivos comerciais. O tipo de pesquisa é descritivo, ou seja, busca descrever uma realidade não interferindo na mesma. Quanto à temporalidade da pesquisa é do tipo transversal, porque foi realizada em um prazo reduzido (APPOLINÁRIO, 2006).

O método principal para a execução da pesquisa é história oral, o mesmo é importante, porque da atenção à história local, do cotidiano da vida das pessoas. É inovadora nas suas abordagens, por ver a “história vista de baixo” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 4). Os autores descrevem bem a pesquisa com história oral dizendo:

A consideração do âmbito subjetivo da experiência humana é a parte central do trabalho desse método de pesquisa histórica, cujo propósito inclui a ampliação, no nível social, da categoria de produção dos conhecimentos históricos, pelo que também se identifica e solidariza com os princípios da tão discutida “história popular”. (FERREIRA; AMADO, 2006 p. 16).

Então, a pesquisa está envolvida com a experiência humana que foi dada pelos contadores de história que através de suas vivências ao longo dos anos poderão dar um relato. Característico da história oral, que busca o conhecimento histórico do indivíduo entrevistado.

Para a realização da história oral é imprescindível o uso de aparelhos eletrônicos a fim de gravar as entrevistas, que também devem ser presenciais, entrevistado e entrevistador através do contato pessoal. O uso dos meios eletrônicos para o sucesso na entrevista oral é obrigatório, diferente dos antigos procedimentos de capacitação de entrevistas, antes sendo feito a base de anotações ou da memorização. (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Inicialmente em cada entrevista houve a apresentação da acadêmica aos sujeitos pesquisados, logo apresentou-se a proposta da pesquisa, sobre a metodologia de história oral. Nesta perspectiva, desenvolveu-se uma conversa informal onde foram abordados os aspectos da metodologia, duas perguntas que passaram a expandir a conversa. Os questionamentos foram os seguintes: Quais eram os sentimentos que a narração de histórias lhe trouxeram no decorrer das atividades feitas, como é feita a atividade de contação de histórias. Desta forma,

houve a fluidez natural dos relatos trazendo tempos, lugares, pessoas, atividades e o todo que vem completar a escrita deste plano de memórias.

Pesquisaram-se algumas bases de dados para obter bibliografias que embasassem o tema proposto, observaram-se poucas referências relevantes. A pesquisa de Maria Cristina Damasceno, (2012) sobre integrantes da *Red Internacional Cuentacuentos*, também observou pouca produção científica pertinente.

A pesquisa feita pela autora nas bases de dados mostra a pouca produção em trabalhos relacionados com o tema contadores de histórias e hora do conto, conforme Tabela 1 abaixo utilizada em sua pesquisa:

Tabela 1 – Base de dados

	Contação de história		Hora do conto	
	Total	Relevante	Total	Relevante
LUME	29508	7	13381	2
Google Acadêmico	813	13	Ano: 2012	8
BDTD	45	6	9	4
BRAPCI	3	2	6	4
		Total:28		Total: 18

Fonte: (DAMASCENO, 2012, p. 19)

A tabela abaixo aponta as produções científicas até 2014:

Tabela 2 – Base de dados

	Contação de história		Hora do conto	
	Total	Relevante	Total	Relevante
LUME	434	10	2001	5
Google Acadêmico	19800	17	Ano: 2012	8
BDTD	45	6	9	4
BRAPCI	3	2	9	5
		Total:35		Total: 22

Fonte: Elaboração própria. (2014)

Através da representação dos dados visualiza-se pouca produção. Na temática contação de história no ano de 2012, apenas 28 artigos relevantes, em contação de história 18. Ao repetir a mesma pesquisa feita em 2012 resultaram em 35 artigos relevantes para contação de história. Em hora do conto 22 produções científicas. Sendo assim, observou-se poucas produções científicas de um período de 2012 para 2014.

Com a intenção de não revelar a identidade de cada entrevistada, optou-se por usar a letra C de contadores e o numeral de um a seis para distinguir cada contadora.

As entrevistas ocorreram sem interferências, ou seja, cada uma das entrevistadas estava disponível na data e horário marcado, não houve restrição às informações solicitadas pela acadêmica. Apenas uma das entrevistadas optou por dar seu relato de forma escrita, não fazendo uso de gravação, por acreditar que seu relato estaria mais completo.

As dificuldades encontradas foram a pouca fala do sentimento da maioria das contadoras. Havendo mais relatos de experiências de como fazem a hora do conto e seus objetivos na atividade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para organizar todo o conteúdo gravado em áudio nas entrevistas, optou-se por transcrever as falas do que é pertinente ao trabalho. Nestas escritas criaram-se tópicos dos temas mais citados pelas contadoras. Conforme a seguir:

4.1 MÉTODOS UTILIZADOS NA HORA DO CONTO

A entrevistada C1 além de ter toda uma preocupação em chamar a atenção das crianças, ela também escreve suas próprias histórias:

A contadora de histórias deve criar uma história, que seja pequena, com poucos personagens, porque quando ela estiver contando deve deixar as crianças participarem dando as suas sugestões, mesmo que venha interromper seu trabalho, mas os personagens das crianças vão entrar na história que vai aumentando a cada momento, o gatinho, o cachorrinho etc... Ao entrarem na história, as crianças vão se achando importantes por terem colaborado com a contadora e vão vivendo aquele momento lindo de fantasia, e isso é muito bom.
(C1, 2013)

Este método é muito realizador para a criança, pois a contadora conta que após terminar a hora do conto, crianças vem perguntar se ela seguirá contando a história com os personagens que elas inventaram, ela diz que sim, e eles ficam muito felizes imaginando que outras crianças ouvirão a história com seus personagens. Comprovando que a hora do conto estimula a imaginação e a criatividade das crianças. C1 também usa encenações feitas pelos próprios alunos recriando a história contada.

A entrevista C6 comenta que sempre procura fazer uma atividade com as crianças após a contação, aprender a fazer algum objeto com o papel, ou mostra um

vídeo da própria história contada. Também, já utilizou música com ajuda de um voluntário que tocava violão e contava as histórias em forma de música.

C2 apresentou como métodos que possam criar a magia entre os alunos e os livros:

Seja como quiser utilizar. É preciso ferramentas como: pinturas, fantoches, fantasia, tudo que fará os olhinhos deles brilhar. Pois esse será o motivo deles quererem pegar um livrinho e levar pra casa. Na hora do conto adoro trazer coisas divertidas para as crianças darem muita risada, costumo chamar atenção dizendo: tenho uma caixa com uma surpresa pra vocês. (C2)

Esta fala mostra a dedicação em atrair a criança à biblioteca e torná-la uma futura leitora. C2 cita que muitas vezes não pensou em nada muito elaborado para a atividade. “Então eu coloco uma peruca vermelha, isso faz sucesso com as crianças, elas adoram. No final elas perguntam se é de verdade, se eu pintei o cabelo e ficam pedindo pra tocar”. Sendo assim, para C2 poucos recursos já bastam para um improviso, mas sabe-se que para uma boa contação envolve muitos outros recursos prévios para que possam atender todos os objetivos com a atividade. Também, a contadora C2, costuma ler e questionar no meio da história para ver se eles estão entendendo, e prestando atenção. Também procura entender bem a história antes de contá-la, para poder falar com suas palavras. No final de cada história busca fazer brincadeiras.

Para C4 a alegria, fazer “palhaçada”, fazer ruídos barulhos é suficiente para uma boa hora do conto. “Mesmo que pais ou professores estejam juntos acompanhando a atividade eu esqueço-os, penso somente em agradar as crianças, então eu pulo, imito bichos faço palhaçada me transformo” (C4).

Todos esses métodos que as contadoras usam, são bem descritos por Caldin, que fala da estimulação da mensagem auditiva:

O contador de história resgata a tradição oral e ao mesmo tempo estimula a imaginação do ouvinte. A mensagem é auditiva e não visual. Contar histórias é uma arte: é necessário captar o ritmo e a cadência dos contos, fazer as pausas nos momentos certos, não entrar em descrições cheias de detalhes, criar um clima de envolvimento e de encanto, e, acima de tudo, usar todas as modalidades e possibilidades da voz- sussurrar, imitar os ruídos as vozes dos animais, as inflexões que indicam suspense e clímax. (CALDIN, 2002, p. 30).

Algumas contadoras aproveitam datas comemorativas para trazer este clima de envolvimento e encanto citado acima, buscando algo para relacionar com a hora do conto. Neste contexto, C3 usa como um de suas técnicas: “Em datas festivas eu uso os personagens envolvidos e isso chama muito a atenção deles. Montei um cenário de festa junina e contei uma história para eles. Fiz os personagens presos em um palito de picolé, e eles gostaram muito”. Também C3 usa flanelógrafos para contar suas histórias, traz a gravação de sons: som de chuva e trovões, alguns ela mesmo produz como batidas, sons de animais e ruídos tudo a fim de atingir seus objetivos ao contar a história.

Com o avanço das novas tecnologias a C5 comenta que além do livro físico, em suas contações usa livros online, vídeos nos computadores que a biblioteca possui. “Após a contação, peço para os alunos reescreverem a história com suas palavras, assim estimula a memória, a escrita deles.”

Trazer as mídias para dentro da biblioteca não reduz o livro, ao contrário os instrumentos tecnológicos hoje disponíveis, dentre eles o livro e o computador, podem auxiliar incentivando a leitura da palavra. Se ler a palavra é uma habilidade que exige a união de várias outras competências, a leitura de fotografias, filmes e imagens contidas em letras de músicas e peças de teatro, podem auxiliar para que a leitura aconteça de forma mais completa (RÖSING; BECKER, 2002).

4.2 SENTIMENTOS ENVOLVIDOS NO CONTADOR ATRAVÉS DA ATIVIDADE

Quantos aos sentimentos envolvidos, em geral as entrevistadas não aprofundaram essa questão. Apenas uma das entrevistadas mostrou os esses sentimentos intensamente. Pensa-se que as razões sejam que a contadora C1 descobriu esta habilidade de contadora de forma inesperada, pois ela começou a auxiliar na biblioteca, lá se apaixonou pelas crianças querendo agradá-las. Assim, aos poucos veio à ideia de contar histórias e foi descobrindo que tinha muita habilidade como contadora de histórias, foi criando as histórias para divertir os pequenos tendo intenso amor à prática.

Outro motivo é sua grande trajetória em mais de duas décadas como contadora. Diferente das cinco bibliotecárias entrevistadas que tem poucos anos na atividade, algumas delas nunca tinham feito a contação de histórias, em pouco tempo passaram a aprender esta arte, e ver como a poderiam ir aprimorando. Primeiro pode ter vindo à obrigação depois o gostar. Conforme o comentário de C3: “Quando estava na faculdade eu nem sabia como era feita a hora do conto nem me via fazendo, apenas tive uma oficina de hora do conto, mas não me agradei.” C6 também confirma: “Antes eu tinha medo de trabalhar com crianças, achava eles muito imprevisíveis”.

No caso da contadora, ela começou a fazer a contação pela paixão, pois não tinha obrigação. Isso fica claro logo a seguir com os relatos da contadora.

Quando faço hora do conto, sou uma criança também, me coloco junto delas trocando ideias, discutindo a história, cantamos e representamos juntos, a hora do conto é minha vida, eu amo esse trabalho. Quando se trabalha hora do conto com as crianças é possível realizar seus sonhos e fantasias através da hora do conto. A hora do conto é a melhor coisa que aconteceu na minha vida. (C1, 2013)

A entrevistada cita com muita emoção e excitação às experiências de quem adora trabalhar com as crianças, pois neste contato é possível a troca de ideias criativas, seus sonhos e fantasias, e isso enriquece muito o seu trabalho. A entrevistada comenta: “eu gostaria de ver outras pessoas fazendo a hora do conto, mas fazer este trabalho, com certeza, tem que gostar” (C1). Como já citado a entrevista C1 demonstra profundo apreço pela contação. Foi possível detectar isso, através da emoção demonstrada em seus olhos que se enchiam de lágrimas, seus gestos de felicidade em recordar sua trajetória como contadora e os momentos mais marcantes com as crianças.

Ao comentar, C1, sente uma troca, quando tem o contato com as crianças, transmitindo ideias, sonhos e fantasias. Estar compartilhando é também quando estamos acreditando naquilo em que estamos vivenciamos. E isso é algo poderoso em nós, é impossível de descrever seus efeitos em nós (BUSATTO, 2003).

C2 comenta: “É muito emocionante toda vez que faço uma hora do conto, seja para adulto ou criança. Você sente que está passando algo de bom para alguém, isso é muito realizador”. Para C3 o começo não foi muito fácil, pois, não era comum fazendo hora do conto. Hoje ela expressa: “A hora do conto virou paixão pra mim a partir do momento em que eu contava a história e via nos olhos das crianças que eu estava sendo útil para elas, isso me deixa realizada”. C4 confirma a ideia de C3, sente-se realizada com a atividade. Ainda comenta que faz muito bem para ela e como pessoa é muito gratificante.

“Mesmo que eles não tenham gostado da história, mas em algum momento da história que eles dizem, ‘e ai tia o que aconteceu’? Nossa isso te muda”. (C3)

C5 descreve a hora do conto como um momento muito especial para ela. “Quando vejo que estou passando algo de bom para as crianças, isso me faz outra pessoa”. A entrevistada C6 comenta: “Me sinto muito bem, adoro fazer, dedico-me bastante com a hora do conto, procuro dar o melhor de mim”.

4.3 PERFIL DAS CRIANÇAS

As contadoras trabalham em diferentes realidades infantis. As contadoras lidam com crianças: de classe baixa, de classe média, síndrome de down (crianças com necessidades especiais), crianças carentes e sem família. Essas crianças, em específico, exigem delas atenção em alguns aspectos apontados abaixo:

A entrevistada C2 lida com turma de crianças especiais:

A turma dos especiais é a que mais gosto, eles querem aproveitar o máximo da história, tudo eles perguntam, querem entender. É a turma que mais marcante mais me sensibiliza, quando se vê que eles fazem tudo para estarem aqui na biblioteca, mesmo em dias de chuva forte, é muito importante pra eles estarem aqui. Isso dá muito significado ao meu trabalho. Tenho um cuidado especial com eles em trazer leituras de fácil compreensão, trago histórias que ensinam boas maneiras, educativas. (C2, 2013)

A contadora C4 também lida com alunos com necessidades especiais: salienta que eles necessitam muito de atenção, pois se apegam muito fácil, têm uma necessidade enorme em tocá-la. Ela tenta sempre usar histórias de fácil compreensão, assim como mencionado por C2.

Ainda outra realidade é das crianças de baixa renda, que vivem realidades bem complicadas. Às vezes em condições precárias, não tendo amor dos familiares, e sem incentivo algum. A entrevistada C2 menciona que lida com um grupo de crianças que precisa ter uma atenção maior: Alguns devido à criação e condições possuem déficit de atenção na hora do conto. “Sempre puxo por eles e os incentivo a prestar atenção”, afirma.

É um obstáculo que tenho para ultrapassar e fazer com que eles amem a leitura e se tornem leitores. Algumas crianças estão irritadas com alguma coisa e é preciso ter ‘jogo de cintura’ para atraí-las a contação. Também tenho outra turma que são da mesma realidade social, mas eles são diferentes porque são assíduos a biblioteca, amam ler, são responsáveis com o material, cuidam e entregam os livros na data marcada. Porque através da hora do conto criam respeito e veem a importância do livro. (C2, 2013)

Então, em regiões em que existam crianças carentes a contação funciona da mesma forma que em outras regiões. Embora suas realidades financeiras e criação possam ter diferenças, estas não afetam em poder torna-las leitoras. Sendo que a contação pode fazer leitores em todo e qualquer grupo de criança independente das circunstâncias e realidade.

Com a prática frequente da hora do conto a biblioteca se valoriza como centro de informação e como espaço de incentivo a leitura. A hora do conto além de incentivar o gosto pela leitura promove a biblioteca escolar, tão esquecida pelos alunos e professores, mostrando que o espaço da biblioteca é indispensável para a formação intelectual, pessoal e moral das crianças e jovens. (DIAS; DUTRA, 2002, p. 4).

As condições sociais muitas vezes são um fator que influencia na facilidade de entendimento de muitas crianças, C3 afirma:

Quando trabalhei na biblioteca Monteiro Lobato, as crianças já entendiam o que falava rapidamente, pois elas tinham conhecimento de internet eram crianças de classe média alta. As crianças menos favorecidas eu explicava e elas não entendiam bem o que quer dizer

certas expressões, pois não faz parte das vivências delas, aí é preciso explicar ou trazer algo similar na realidade deles. Assim, eles já têm uma receptividade maior. (C3, 2013)

A contadora C3 comenta que certa vez ao contar a história dos três porquinhos, ela não usou a casa de madeira ou de palha que a história conta que o lobo assopra e cai, porque muito deles possuem casas assim. Então, é preciso sempre ter esse cuidado, de não falar nada que eles relacionem e que vá ser ofensivo para realidade deles. Quanto à receptividade das crianças com o livro é excelente conta a C3, C5, C6. Ambas contam que após a história todas as crianças querem levar o livro da história para a casa, e dizem que querem ler para o irmão, mãe e pai.

Para C4, as crianças não apresentam diferenças: “para mim não existe diferenças de crianças para criança, porque se for bem estimulada todas reagem muito bem”.

4.4 MUDANÇAS NA CONTAÇÃO

As contadoras começaram a contação de uma maneira, com o tempo houve a necessidades de mudanças na contação para aperfeiçoar a hora do conto. Estas estão descritas abaixo:

A entrevistada C1 descobriu-se apaixonada pela contação esta relação se deu da seguinte modo:

“No princípio eu apenas contava histórias para as crianças, logo comecei a convidar as crianças para sair da biblioteca e ir para o pátio da escola. Sentavam-se em roda embaixo de uma árvore, e começaram a criar sua história. E no final eu convidava as crianças para a representação com máscaras e fantasias, onde convidei todas as turmas para ouvir a história”. (C1, 2013)

C2 cita: “sempre fui muito criativa, mas com contação me tornei mais ainda, hoje em pouco tempo antes da atividade eu consigo estabelecer o que vou fazer na

hora do conto”. Aqui é possível perceber que a contação faz com que a profissional se torne mais criativa. Em pouco tempo antes da atividade C2 consegue pensar e criar o que será feito na hora do conto.

Para C3 se resume assim: “Mudou muito, fui vendo o que chama a atenção delas e fui alterando o meu jeito de contar”. Ela conclui com a frase: “eu sempre vou mudar”. Comenta que antes não tinha ideia do que era a hora do conto, achava que era só ler um livro e fim.

C4 descreve: “No início ficamos muito retraídos, fica-se esperando uma reação das crianças, com o tempo fui aprimorando e hoje sou muito mais criativa”.

C6 comenta: “Tinha receio de trabalhar com crianças, não sabia se teria domínio da turma, porque minha formação acadêmica não apresentou disciplinas voltadas à didática, então ficava receosa”.

As falas demonstram que no começo não foi simples para as contadoras, algumas sentiam-se com receio e retraídas. C3 comentou que achava que era só abrir ler um livro e acabou, mas com o tempo perceberam o que estava envolvido e logo isso foi mudando e foram aprimorando as contações. C6 fala em não haver disciplinas voltadas a didática na sua formação. Então seria muito útil se houvesse algumas oficinas ou disciplinas voltadas à didática com alunos na biblioteca.

4.5 MOMENTOS MARCANTES

Foram citados por algumas das entrevistadas momentos que elas jamais esqueceram estes estão descritos abaixo:

Para C1:

Alguns destes foram quando ela via crianças que não gostavam de ler e eram difíceis de lidar, eram abrandadas com a atividade hora do conto mudando seu modo de pensar, e tornando-se amantes da leitura.

C4 salienta o momento mais marcante, descreve isso com lágrimas nos olhos:

Quando os alunos da APAE vêm fazer hora do conto, e vejo adultos de 40 anos com mentalidade de uma criança de cinco anos, isso mexeu muito comigo, me chocou bastante, por ter filhos me coloquei no lugar da família. Qualquer detalhe da história é muito marcante pra eles. Querem me agarrar, me tocar. Emociona muito falar disso. Gosto de fazer hora do conto para eles. (C2, 2013)

C5 menciona: “toda hora do conto e muito marcante pra mim, não tenho um único momento”.

Como momentos marcantes para C1 o fato de vê-las tornando-se leitoras é muito marcante. Em questões sentimentais C2 trabalha com adultos da APAE que tem a mentalidade infantil, estes necessitam do toque da atenção. Isso marca muito para ela em cada contação feita. C5 mencionou toda contação marcante.

4.6 DESAFIOS COMO CONTADORAS DE HISTÓRIAS

As contadoras C2 e C3 salientam a falta de tempo que possuem para preparar as horas do conto, de modo que não cuidam apenas de uma biblioteca e não é apenas essa atividade que elas fazem ali. Estão envolvidas com toda a organização da biblioteca e empréstimo de livros, catalogação e outros serviços escolares. Nesta perspectiva, aprendem em pouco tempo o que fazer e a dar do seu melhor para tornar a hora do conto um excelente momento. As contadoras C2, C3, C5, C6 explicam ter de aprender a lidar com cada tipo de criança, e isso é desafiador, mas em todas as entrevistas é evidenciado que elas, contam que têm uma grande responsabilidade a de mudar a visão de algumas crianças que não gostam de ler e ouvir histórias, tornando-as futuras leitoras.

4.7 OUTROS COMENTÁRIOS PERTINENTES

C2 a contadora acrescenta que a bibliotecária que tem problema na comunicação e é tímida, com a contação de histórias aumenta a comunicação, não só com os alunos, mas também com o mundo. A entrevistada percebe a importância do incentivo a leitura desde o princípio para que estes se tornem leitores.

A contadora C4: “As crianças pedem para suas mães levarem elas novamente na biblioteca, visto que foi marcante a hora do conto e elas desejam ler mais”.

Além de a hora do conto ser útil para a imaginação, concentração, torna-las leitoras e muitas outras funções. A hora do conto faz com que a criança identifique-se com a biblioteca, e proporciona a vontade de querer ir mais vezes e ler os livros das estantes. Assim como estas crianças que C4 cita, talvez antes passassem na frente da biblioteca e nem sabiam que era um lugar atrativo para elas. Com a contação feita na biblioteca fez com que quisessem voltar lá mais vezes, tornando-se usuárias da biblioteca.

C5 declara que “puxa” muito para pontos práticos na vida dos alunos: “como são crianças com realidade complicadas, eu agrego valores a vida deles”. Comenta que não só conta uma história, mas sempre procura participar da vida deles, ela sente-se com uma educadora. “Além da história, é uma ajuda de vida, um crescimento junto, uma troca, eu recebo conhecimento também [...] Têm crianças que não gostam de ler, não gostam dos livros, ai passa um ano e vejo que já muda o modo deles verem o livro. Neste momento percebo que o ser bibliotecário é mais do que a parte técnica. Também tem contribuição a sociedade.”

Agregar valores vai além de simplesmente contar uma história. Quando a profissional procura fazer com que a criança leve algo de bom para sua vida, não só a criança tira proveito disso, mas também a profissional que como citado por C5 recebe conhecimento também. Com certeza essa troca existe, é possível perceber pelas entrevistadas que não só as crianças são beneficiadas, contudo as profissionais sentem-se felizes e uteis em estar ajudando e acrescentando a vida das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a questão inicial ponto de partida deste estudo, 'Saber como é feita a contação de histórias pelas bibliotecárias e contadora e entender o que está envolvido nesta prática. Por meio das entrevistas realizadas em sua totalidade acredita-se que foi possível atingir os objetivos propostos inicialmente.

Através da pesquisa constatou-se as diversas maneiras que é feita a contação de histórias. As contadoras fazem uso de sons, músicas tocadas em instrumento, flanelógrafos, movimentos com o corpo, fantasias, encenações, entonação na voz, fantoches, dedoches, avental. As mais diversas formas para envolver a criança na atividade e atingirem seus objetivos.

Quando as Diretrizes da UNESCO trazem o tópico "Função cultural da biblioteca escolar" comenta atividades que podem ser feitas se houver disponibilidade:

Se houver espaço suficiente, os estudantes podem apresentar encenações inspiradas na literatura, para os pais e outros colegas; o bibliotecário pode organizar reuniões [para troca de ideias] sobre livros e também a "hora do conto", para alunos mais jovens; ele pode estimular o interesse pela leitura e organizar programas que promovam o desenvolvimento do gosto pela literatura. (IFLA; UNESCO, 2005, p. 19).

O que foi mencionado confirma a ideia de que a biblioteca deve programar em realizar reuniões sobre atividades como a hora do conto, para estimular o interesse dos alunos, apresentando, então, uma função cultural na vida do aluno, criando espaço para apresentações baseadas na literatura. Uma das ideias usadas por uma das entrevistadas.

Sisto (2012), fala da necessidade de usar sons próprios na contação para harmonizar a história, o autor cita como um elemento obrigatório. A maioria das entrevistadas citou o método da entonação, de sons como usado em suas atividades. Isso é excelente porque transforma a história, renovando-a cada momento, assim mantendo a concentração da criança. Algumas das contadoras salientaram que passaram a usar as novas tecnologias para tornar a contação mais interativa e atrativa aos alunos

As entrevistadas focalizaram pontos que envolvem a hora do conto, sendo estes: preparação da atividade, os sentimentos, desafios e momentos marcantes. Para algumas das entrevistadas não se sentiam pronta para trabalhar com a contação, algumas nem gostavam da atividade. Um dos objetivos específicos da pesquisa é saber os sentimentos do contador. Deste modo, revelam medo, receio de lidar com as crianças, achavam que não teriam jeito. Com o tempo esses sentimentos sofreram mudanças, foram gostando de fazer a atividade e atualmente se dizem apaixonadas, faz bem para as contadoras, sentem-se realizadas. Uma das entrevistadas relata que é a melhor coisa que faz na vida, se sente muito apaixonada. Algumas das entrevistadas se emocionaram ao explicar seus sentimentos e momentos marcantes.

Os desafios que as entrevistadas enfrentam, são de aprender a lidar com cada tipo de aluno, e sempre tentar mudar a realidade, passar valores, ensinar o bem e principalmente tornar a relação achegada das crianças com a leitura. Isso não é fácil, porque lidam com diferentes realidades, são crianças e adultos com Síndrome de Down, algumas crianças com realidades lamentáveis, pois não possuem boa criação resultando em revolta e desinteresse com a escola. Segundo elas, estão tendo progresso em lidar com os diferentes tipos apresentados. Algumas das crianças são assíduas às bibliotecas, transformaram o modo com que viam a leitura e atualmente se tornaram leitoras.

Outro objetivo específico que foi respondido, saber as mudanças desde as primeiras contações feitas até o presente momento. As entrevistadas explicam que melhorou muito suas atividades, no começo algumas achavam que a atividade era baseada em abrir um livro ler e fim da história, ou que não se viam na atividade. Atualmente, veem o quanto aprimoraram as muitas formas de contar e outras foram agregadas. E fazem de sua contação o que desejarem.

Além de todos os argumentos e experiências mencionados aqui pelas contadoras de história. A trajetória acadêmica possibilitou que a acadêmica que realizou esta pesquisa pudesse realizar algumas horas do conto. Sente-se realizada quando esta em contato com crianças e pode pensar em como irá agradá-las. Com certeza em suas poucas experiências com hora do conto pode confirmar o que foi expressado pelas 6 contadoras de história.

Acredita-se que a presente pesquisa possa auxiliar futuros contadores, pois grande parte das entrevistadas inicialmente não tinham noções de como deveriam realizar a contação. E sabendo o que envolve a atividade da contação, possam continuar mudando a realidade de crianças que não leem, transformando-as em leitoras, talvez por resultado de uma boa contação de histórias na infância.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. 3. ed. Petrópoli: Vozes, 2011.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 7, n. 13, 2002. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11530> Acesso em: 09/12/13

COSTA, Marta Morais. **Literatura Infantil**. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2009.

DAMASCENO, Maria Cristina da Silveira. **Narrativas sobre a formação e o desenvolvimento de atividades de contadores profissionais de história: estratégia de promoção da leitura**. 2012. BDTCC

DIAS, Victor Gonçalves; DUTRA, Lidiane Fonseca. Hora do conto: atividade pedagógica que estimula o gosto pela leitura. **Revista Didática Sistêmica**, v. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1251>>. Acesso em: 12 de nov. 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FLECK, Felícia de Oliveira. O contador de histórias uma nova profissão? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 12, n. 23, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2007v12n23p216/404>> Acesso em: 10 dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

IFLA- **Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Instituições**: Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar. Tradução de Neusa Dias Macedo; Helena Gomes Oliveira, São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2014.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias**: uma estratégia para a formação de leitores. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B. ; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2010.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contador de histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas**. Campinas: Mercado de letras, 2009.

TORRES, Shirley Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo a Imaginação. **Nau Literária**, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

RÖSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo. **Leitura e Animação Cultural**: representando a escolar e a biblioteca. Passo Fundo: UPF, 2002.